



CONHECIMENTO

O VERDADEIRO CONHECIMENTO DE DEUS VEM POR MEIO DA FÉ

Mas o que se gloriar, glorie-se nisto: em me conhecer e saber que eu sou o SENHOR, e faço misericórdia, juízo e justiça na terra; porque destas coisas me agrado’, diz o SENHOR. (Jeremias 9.24)

Em 1Timóteo 6.20, 21 Paulo adverte Timóteo contra *os falatórios inúteis e profanos, e as contradições do saber* (grego *gnosis*), *como falsamente lhe chamam, pois alguns, professando-o, se desviaram da fé*. Paulo está atacando as tendências teosófico-religiosas que evoluíram para o gnosticismo no segundo século de nossa era. Mestres dessas crenças e práticas aconselhavam os crentes a considerar seu compromisso cristão como que um confuso primeiro passo na estrada do “conhecimento”, e os incentivaram a tomar novos passos ao longo dessa estrada. Esses mestres, porém, tinham a ordem material como desprezível e o corpo como uma prisão para a alma, adotando a iluminação como a resposta completa à necessidade espiritual do homem. Negavam que o pecado fosse alguma parte do problema, e o “conhecimento” que ofereciam incluía somente palavras de encantamento, contrassenhas celestiais, disciplinas místicas e concentração extática. Eles reclassificaram Jesus como um mestre sobrenatural que parecia homem, embora não o fosse. A encarnação e a reconciliação eram negadas, e substituíram o convite de Cristo para uma vida de amor santificado por prescrições para o ascetismo ou permissão para a licenciosidade. As cartas de Paulo a Timóteo (1Tm 1.3, 4; 4.1-7; 6.20, 21; 2Tm 3.1-9); Judas (4, 8-19); Pedro (2Pe 2); e as duas primeiras cartas de João (1Jo 1.5-10; 2.9-11, 18, 19; 3.7-10; 4.1-6; 5.1-12; 2Jo 7-11) se contrapõem explicitamente às crenças e práticas que mais tarde emergiriam como gnosticismo.

Em contraste, A Escritura fala de “conhecer” Deus como o ideal espiritual pessoal, a saber, a plenitude de uma fé-relacionamento que traz salvação e vida eterna, e gera amor, esperança, obediência e gozo (ver, por exemplo, Êx 33.13; Jr 31.34; Hb 8.8-12; Dn 11.32; Jo 17.3; Gl 4.8, 9; Ef 1.17-19; Fp 3.8-11; 2Tm 1.12.) As dimensões desse conhecimento são intelectuais (conhecer a verdade acerca de Deus: Dt 7.9; Sl 100.3); volitivas (crer em Deus, obedecê-lo e adorá-lo em termos dessa verdade); e moral (praticar a justiça e o amor: Jr 22.16; 1Jo 4.7, 8). A fé-conhecimento focaliza o Deus encarnado, o homem Cristo Jesus, o Mediador entre Deus e nós, pecadores, por meio de quem chegamos a conhecer seu Pai como nosso Pai (Jo 14.6). A fé procura conhecer Cristo e seu poder especificamente (Fp 3.8-14). O conhecimento da fé é o fruto da regeneração, a doação de um coração novo (Jr 24.7; 1Jo 5.20) e da iluminação pelo Espírito (2Co 4.6; Ef 1.17). O conhecimento-relacionamento é recíproco, implicando afeição pactual de ambos os lados: conhecemos Deus como nosso porque ele nos conhece como seus (Jo 10.14; Gl 4.9; 2Tm 2.19).

Toda a Escritura nos foi dada para nos ajudar a conhecer Deus desse modo. Trabalhemos para usá-la para seu propósito apropriado.

Teologia Concisa, J.I. Packer, Editora Cultura Cristã

REVELAÇÃO GERAL

A REALIDADE DE DEUS É CONHECIDA POR TODOS

Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras das suas mãos. (Salmos 19.1)

O mundo de Deus não é um escudo que esconde o poder e a majestade do Criador. Pela ordem natural, é evidente que um potente e majestoso Criador lá está. Paulo escreve em Romanos 1.19-21, e em Atos 17.28 cita um poeta grego como testemunha, que os humanos são criados por Deus. Paulo afirma ainda que a bondade desse Criador é manifesta por meio de suas providências generosas (At 14.17; cf. Rm 2.4), e que ao menos algumas das exigências de sua santa lei são conhecidas de todas as consciências humanas (Rm 2.14-15), juntamente com a desconfortável certeza do julgamento final de retribuição (Rm 1.32). Essas certezas evidentes constituem o conteúdo da revelação geral.

A revelação geral é assim chamada porque todas as pessoas a recebem pelo simples fato de estarem vivas no mundo de Deus. Isto foi assim desde o início da história humana. Deus revela ativamente esses aspectos de si mesmo a todos os seres humanos, de forma que todos os casos de falha em render graças e servir ao Criador com justiça constituem pecado contra o conhecimento, e negações de ter recebido tal conhecimento não devem ser levadas a sério. A revelação universal de seu poder, seu merecimento de louvor e sua exigência moral é a base da acusação de Paulo a toda raça humana como pecadora e culpada perante Deus por falhar em servi-lo como deve (Rm 1.18–3.19).

Deus agora suplementa sua revelação geral com a revelação adicional de si mesmo como Salvador dos pecadores, por meio de Jesus Cristo. Essa revelação, ocorrida na história, incorporada na Escritura e abrindo a porta da salvação aos perdidos, é geralmente chamada revelação especial ou específica. Ela inclui a declaração verbal explícita de tudo o que a revelação geral nos fala a respeito de Deus e nos ensina a reconhecer essa revelação na ordem natural, nos eventos da história e na criação dos seres humanos, de sorte que aprendemos a ver o mundo inteiro, na frase de Calvino, como um teatro da glória de Deus.

Teologia Concisa, J.I. Packer, Editora Cultura Cristã



A REVELAÇÃO ESPECIAL E A BÍBLIA

Quando foi tentado por Satanás no deserto, Jesus o repreendeu com as palavras: “Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus” (Mt 4.4). Historicamente, a igreja tem feito ecoar o ensino de Jesus, afirmando que a Bíblia é a *vox Dei*, a “voz de Deus”, ou o *verbum Dei*, a “Palavra de Deus”. Chamar a Bíblia de “a Palavra de Deus” não significa sugerir que ela foi escrita pela própria mão de Deus, ou que caiu do céu num paraquedas. A própria Bíblia claramente chama a atenção para seus muitos autores humanos. Se a estudarmos cuidadosamente, perceberemos que cada autor humano tem seu próprio estilo literário peculiar, seu próprio vocabulário, ênfase especial, perspectiva e outros aspectos. Já que a produção da Bíblia envolveu esforço humano, como pode ser ela considerada Palavra de Deus?

A Bíblia é chamada de Palavra de Deus por causa da sua reivindicação, crida pela igreja, de que os escritores humanos não escreveram simplesmente suas próprias opiniões, mas que suas palavras foram inspiradas por Deus. O apóstolo Paulo escreve: “Toda a Escritura é inspirada por Deus” (2Tm 3.16). A palavra *inspiração* é uma tradução da palavra grega que significa “sopro de Deus”. Quer dizer, Deus soprou a Bíblia. Assim como temos de expelir ar de nossa boca quando falamos, assim, em última análise, a Bíblia é Deus falando.

Embora a Bíblia tenha chegado a nós por intermédio das mãos de autores humanos, a fonte *suprema* das Escrituras é Deus. Por isso os profetas podiam prefaciар suas palavras, dizendo: “Assim diz o Senhor”. Por isso Jesus também podia dizer: “A tua palavra é a verdade” (Jo 17.17) e “a Escritura não pode falhar” (Jo 10.35).

A palavra *inspiração* também chama a atenção para o processo pelo qual o Espírito Santo *superintendeu* a produção da Bíblia. O Espírito guiou os autores humanos para que as palavras deles não fossem nada menos que a Palavra de Deus. Não sabemos como o Senhor superintendeu a redação original da Bíblia. Inspiração, entretanto, não significa que Deus ditou sua mensagem para aqueles que redigiram a Bíblia. Ao invés disso, o Espírito Santo comunicou as exatas palavras de Deus por intermédio dos escritores humanos.

Os cristãos afirmam a infalibilidade e a inerrância da Bíblia porque, em última análise, Deus é o seu autor. E porque Deus é incapaz de inspirar algo falso, sua palavra é totalmente verdadeira e digna de toda confiança. Qualquer literatura humana, elaborada pelos meios normais, está sujeita a erros. A Bíblia, porém, não é um projeto humano normal. Se a Bíblia foi inspirada por Deus e sua redação foi supervisionada por ele, então não pode ter erros.

Isso não significa que as traduções da Bíblia que temos hoje estejam isentas de erro, mas que os manuscritos originais eram absolutamente corretos. Isso também não significa que cada declaração da Bíblia seja a expressão da verdade. O escritor do Livro de Eclesiastes, por exemplo, declara que “no além, para onde tu vais, não há obra, nem projetos, nem conhecimento, nem sabedoria alguma” (Ec 9.10). O escritor estava falando do ponto de vista do desespero humano, e sabemos que esta declaração não expressa a verdade, de acordo com outros textos bíblicos. A Bíblia expressa a verdade até mesmo ao revelar a falsa argumentação de um homem desesperado.

Verdades essenciais da fé cristã, 1º Caderno, R.C. Sproul, Editora Cultura Cristã